



A EUROPA EM ROMA

A Igreja de di Sant'Antonio
dei Portoghesi
PORTUGAL





DICASTERIUM PRO EVANGELIZATIONE
*SECTIO DE QUAESTIONIBUS FUNDAMENTALIBUS
EVANGELIZATIONIS IN MUNDO*



MINISTERO
DEL TURISMO
REPUBBLICA ITALIANA

A EUROPA EM ROMA

Caminhos Jubilares

Igreja de Sant'Antonio dei Portoghesi

©Dicastério para a Evangelização
Secção para as Questões Fundamentais
da Evangelização no Mundo

00120 Cidade do Vaticano

*Textos de Mons. Vincenzo Francia
Todos os direitos reservados*

Quatro percursos temáticos para viver

O Jubileu é um grande evento durante o qual cada peregrino pode mergulhar na infinita misericórdia de Deus.

É o Ano para voltar à essência da fraternidade, refazendo as relações entre nós e o Pai. É o Ano que nos impele à conversão, uma oportunidade para olhar a própria vida e pedir ao Senhor que a conduza à santidade. É o ano da solidariedade, da esperança, da justiça, do empenho ao serviço de Deus, na alegria e na paz com os nossos irmãos e irmãs.

Mas, acima de tudo, o ano jubilar tem como centro o encontro com Cristo.

Para isso, o Jubileu pede-nos que nos ponhamos a caminho e que superemos certos limites.

Quando nos deslocamos, de facto, não mudamos apenas de lugar, mas somos transformados. Por isso, é importante prepararmo-nos, planear o percurso e conhecer o destino. Neste sentido, a peregrinação que caracteriza este Ano começa antes da



própria viagem: o seu ponto de partida é a decisão de a fazer. Para viver plenamente o Jubileu 2025, através do próprio caminho

e da oração, estão à disposição dos peregrinos 4 percursos temáticos no interior da cidade de Roma.

A Europa em Roma

O Caminho das Igrejas da União Europeia inclui 28 Igrejas e Basílicas historicamente ligadas aos países europeus por razões de carácter cultural, artístico ou por uma tradição de acolhimento de peregrinos provenientes de um determinado Estado da comunidade europeia.

Peregrinação das Sete Igrejas

Concebida por São Filipe Néri no século XVI, a peregrinação das Sete Igrejas está entre as mais antigas tradições romanas. Trata-se de um percurso de 25 quilómetros por entre as ruas romanas.

Igrejas Jubilares

São as igrejas assinaladas como lugares de encontro para os peregrinos. Nestas igrejas, haverá catequeses nas diferentes línguas para redescobrir o sentido do Ano Santo; haverá ainda a oportunidade de experimentar o Sacramento da Reconciliação e de alimentar a experiência de fé com a oração.

Mulheres Padroeiras da Europa e Doutoradas da Igreja

Uma peregrinação que contempla a paragem orante nas Igrejas romanas ligadas a Santa Catarina de Sena, Santa Teresa Benedita da Cruz, Santa Brígida da Suécia, Santa Teresa de Ávila, Santa Teresa do Menino Jesus e Santa Hildegarda de Bingen.

A Igreja de Santo António dos Portugueses

A igreja que a comunidade portuguesa dedicou a um dos seus filhos, porventura o seu filho mais ilustre, ergue-se entre as



fig.1

habitações do centro de Roma, no bairro do Campo de Marte, que na antiguidade era a zona imediatamente adjacente às muralhas da Urbe e que, como o título indica, era um espaço dedicado a Marte,

frequentemente aproveitado para a prática de exercícios militares. Quem sabe se as duas Vitórias aladas, que sobem o tímpano da fachada (fig.1), não remeterão para esse ambiente militar, ao pegarem nas suas trombetas para proclamar a glória de Deus e de Santo António, “vindo de Lisboa, chamado de Pádua”, como se lê numa inscrição, na primeira capela do interior, em memória da consagração da igreja pelo Cardeal António Martinho de Chaves, em 1440. Anteriormente à construção da Igreja, uma senhora nobre tinha estabelecido neste local um espaço que funcionava como albergue e como lugar de culto para os cidadãos portugueses que passavam por Roma como peregrinos ou para outros motivos.



fig.2

Aqui se encontra a esplêndida fachada que Martino Longhi, o Jovem, ergueu em 1638, para coroar a ampliação e a decoração do edifício sagrado. Embora não tenha vista para um pátio largo, mas para uma rua bastante estreita, destaca-se pela solenidade do seu enquadramento, pela elegância das suas linhas, pelo equilíbrio das suas massas e pela harmonia da sua decoração, com os seus telamones ao longo das volutas e os pequenos anjos com festões de plantas a receber os visitantes.

Posteriormente, os arquitectos Carlo Rainaldi e Cristoforo Schor contribuíram significativamente para a estabilidade e para a beleza do edifício, cujo carácter de igreja nacional é sublinhado pelo brasão (fig.2) da casa real de Bragança, no centro da fachada. O emblema encontra eco no portal e na base dos postes de iluminação e distribui os elementos heráldicos sob a cornija. A obra do arquiteto Francesco Vespignani, a quem se devem os belos vitrais e a decoração da cúpula, data do final do século XIX.

O interior (fig.3) é espetacular, não pela sua dimensão, que é bastante reduzida, mas pelo sistema decorativo luminoso, opulento, exu-

berante, nunca importuno, em que a leveza do rococó se enxerta na robustez da estrutura barroca. As cores perseguem-se, saltam dos mármore e das pinturas, iluminam-se no branco dos estuques e no dourado das decorações, envolvendo o alabastro, o mármore amarelo antigo, a serpentina, o vermelho francês, o verde antigo, o amarelo de Siena e os bronzes dourados numa festa de luz. A planta tem a forma de cruz latina, com abóbada de

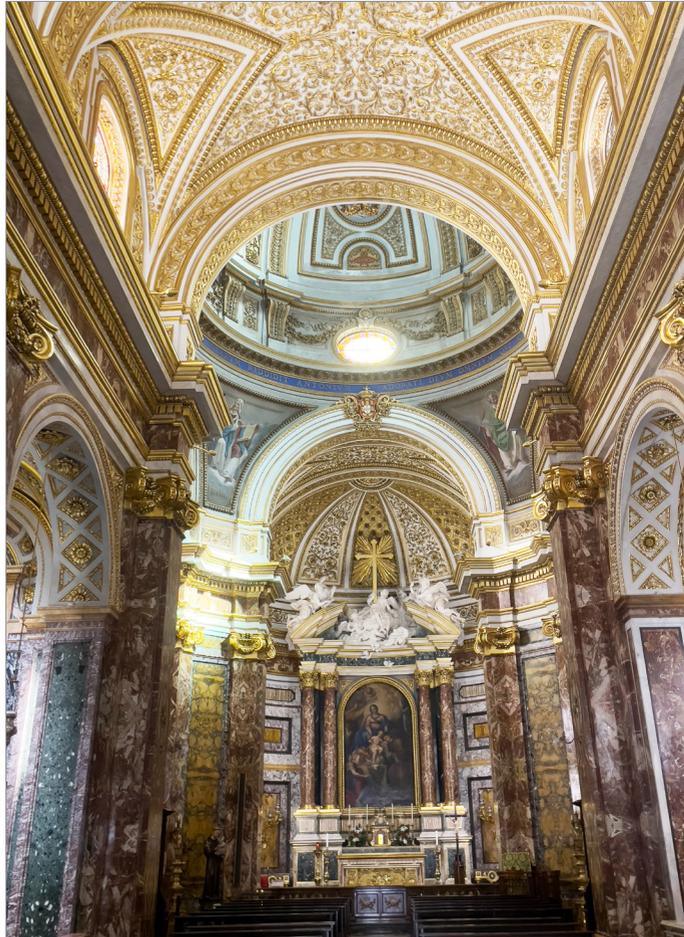


fig.3

berço, em cujo transepto está enxertada a cúpula aguda e prestigiada.

O quadro do centro da abóbada (fig.4),



fig.4

pintado por Salvatore Nobile em 1870, representa um facto fundador da história de Portugal. O primeiro rei, D. Afonso Henriques, ao aproximar-se da batalha de Ourique, em 1139, revive a mesma experiência do imperador Constantino, tantos séculos antes: numa visão, um anjo exorta-o a uma vida cristã coerente com as palavras *In hoc signo vinces* (Com este sinal vencerás). A vitória mais autêntica

não é a das armas, mas a da fé, capaz de vencer o egoísmo e a desumanidade.

Na contra-fachada aparece uma evocação do Papa Clemente XI, por ocasião da concessão de indulgências aos peregrinos portugueses. A circunstância precisa refere-se a um momento de doença de D. Pedro II. No lado oposto, encontra-se a memória tumular de Orazio Maria Battalea, advogado bolonhês ao serviço da Cúria Romana, falecido aos 41 anos em 1676. As lápides e as pedras tumulares encontram-se dispersas aqui e ali nos vários espaços da igreja, a começar pelo pavimento em frente ao altar-mor, com uma inscrição funerária do embaixador Francisco de Almada e Mendonça, de 1783.

O majestoso conjunto do coro-alto data deste mesmo século (fig. 5). Nos anos mais recentes este acolheu o órgão em substituição do anterior. Já os esplêndidos vitrais que enriquecem as paredes datam do século XIX: o primeiro, no centro da fachada, é dedicado a Santo António. Deste modo, a magnificência da música e a vivacidade da luz fundem-se num único hino à glória de Deus e dos seus santos.

Ao longo da nave única encontram-se seis capelas.

A primeira, à direita, alberga o túmulo do pintor Domingos António de Sequeira, falecido em 1837, e uma lista das pessoas que foram sepultadas na igreja antes de o pavimento ter sido refeito em 1790.

A segunda capela é dedicada às *Santas*



fig.5

Catarina de Alexandria, Irene e Engrácia, que vemos representadas na pintura do artista do século XVII Giovanni Battista Maino. Na parede esquerda encontra-se o túmulo do embaixador João Pedro Migueis de Carvalho, falecido em 1853, genro do já referido pintor Domingos António de Sequeira. À direita, o túmulo do Conde Alexandre de Sousa Holstein, obra de Antonio Canova em 1808.

Segue-se a terceira capela: decoradas com cenas da vida de *São João Batista*: o *Batismo de Cristo*, nas lunetas e no retábulo, é de Giacinto Calandrucci; o *Nascimento do Batista*, à esquerda, é de François Nicolas de Bar; a *Pregação*, à direita, é de Francesco Graziani. Há também bustos de Giovanni Battista Cimini e da sua mulher Caterina Raimondi, obras de Andrea Fucigna: o seu brasão está no chão.

O espaço expande-se no transepto.

À direita, admiramos a pintura de Luigi Agricola, de finais do século XVIII, que representa *Santa Isabel de Portugal a reconciliar o marido com o filho* (fig.6).

No tímpano do altar, a *Paz* de Giovanni Grossi, com o ramo de oliveira e a tocha apagada da violência, dialoga com a *Caridade* de Giacomo Galli, representada pelo pelicano que dá a sua carne pelas crias e pela abundância que flui numa vida generosa.

O altar-mor é obra de Cristoforo Schor. A pintura de Giacinto Calandrucci mostra a famosa *Aparição de Maria a Santo António*, durante a qual a Virgem confiou ao grande franciscano o seu próprio Filho



fig.6



fig.7



fig.8

(fig.7). Na parede da esquerda, uma pintura com as *Beatas Teresa e Sancha de Portugal*, de Giovanni Odazzi, da primeira metade do século XVIII, e a pintura da parede da direita, de Michelangelo Cerruti, com a *Beata Joana de Portugal a recusar um casamento real*, datam mais ou menos dos mesmos anos. Dos pendentives da cúpula (fig.8), surgem os santos ibéricos Dâmaso, Vitor, Manços e Geraldo, enquanto a abóbada é pintada a fresco com santos portugueses. O Espírito do Senhor, em forma de pomba, pende da cúpula.

A capela do transepto esquerdo foi projetada por Luigi Vanvitelli, o arquiteto mais importante do século XVIII, que contribuiu para toda a conceção da igreja. A pintura do altar é a *Imaculada Conceição* de Giacomo Zoboli (fig.9) de 1756. A Virgem Maria é aí representada na sua juventude, abençoada pelo Pai Eterno, rodeada de figuras angélicas em cima, enquanto aparece a rezar sobre as nuvens do céu com a lua debaixo dos pés e ajudada por um anjo a repelir o terrível ataque da serpente demoníaca. A pintura é encimada pelas figuras alegóricas da *Caridade* e da *Pureza* de Gaspare Sibilla. O monumento a Manuel Pereira de Sampaio, diplomata e académico, é da autoria de Filippo della Valle, que destacou habilmente a personalidade do defunto através da representação de Mercúrio, aludindo à arte da diplomacia, e dos livros que se encontram no chão; na parede oposta, a Fama ostenta a divisa *FIDE ET CONSILIO*, que caracterizava o estilo de vida de Sampaio. No chão, a inscrição funerária.



fig.9

Atravessando a nave esquerda, visitamos a Capela da Natividade, com decorações de Francesco Navone e pinturas de Antonio Concioli, datadas de 1782, representando cenas da *Natividade*, da *Adoração dos Magos* e do *Repouso durante a Fuga para o Egito*. A capela seguinte alberga o retábulo da *Virgem Maria entre os Santos Francisco e António*, de Antoniazzo Romano (fig.10), proveniente de outro local. Antoniazzo, cujo verdadeiro nome era Antonio di Benedetto degli Aquili, foi o maior artista de Roma no século XV, o século que viu a afirmação de Florença como capital mundial da arte e da cultura. Assim, nas suas



fig.10

obras, nota-se a transição de uma abordagem medieval tardia para uma sensibilidade já renascentista: por exemplo, no nosso quadro, o fundo dourado é ainda um elemento da tradição anterior, enquanto as dimensões e expressões naturalistas das personagens são já claramente inspiradas pela nova linguagem do humanismo. Na parede da esquerda, o quadro de Marcello Venusti sobre *São Sebastião, Santo António Abade e São Vicente de Saragoça*, padroeiro de Lisboa, de 1590. Em frente, o monumento fúnebre de Emanuel Rodrigues Gameiro Pessoa, ministro do Brasil, então colónia portuguesa, junto do Reino das Duas Sicílias, falecido em 1846. A *Pietà* é uma cópia do pintor renascentista modenense Pellegrino Aretusi. No chão, lápide da princesa Ana de Bragança, filha de D. João VI, falecida em 1857.

Na última capela, à esquerda da entrada, encontram-se os túmulos de Teotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro, Patriarca das Índias Orientais, de 1940, e do Cardeal José da Costa Nunes, de 1976. Os bustos de António de Almeida Borges, de 1658, e de Martinho de Azpilieneta, de 1586, destacam as suas atitudes singulares e o seu empenhamento ao serviço da fé e da sociedade. O filho mais famoso de Portugal, António, tornou-se ao longo dos séculos um dos santos mais amados e venerados, não só pela comunidade cristã.

Que o seu ensinamento e o seu exemplo límpido nos acompanhem e nos eduquem a construir a “civilização do amor” com empenho e perseverança.